

FUNDAMENTOS DA LITERATURA FILOSÓFICA EM LÍNGUA SÂNSCRITA



CURSO MINISTRADO POR
JOÃO CARLOS GONÇALVES (IEF)

De 18 de março a 20 de maio de 2024.
Segundas-feiras, das 17:00 às 18:30.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mais informação e inscrições:

joaocbgon@gmail.com

iestudosfilosoficos@gmail.com

uc.pt/fluc/ief/act



Esta é uma iniciativa do NEFLUC – Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra da Associação Académica de Coimbra e do IEF – Instituto de Estudos Filosóficos, Unidade de I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/FIL/00010/2020.

Fundamentos da Literatura Filosófica em Língua Sânscrita

Ministrado por Prof. Dr. João Carlos Barbosa Gonçalves (IEF)

Ao longo de nove encontros, serão apresentados alguns tópicos de relevância para a compreensão do pensamento filosófico da Índia Antiga, situando-os de acordo com escolas de pensamento, datas e autores, sempre com recurso a fontes primárias em língua sânscrita.

Aula	Data	Tema	Referência Bibliográfica
Fundamentos Históricos			
1		História da língua sânscrita	Pollock, S. (2006). <i>The Language of Gods in the World of Men</i> . University of California Press. Introdução. FP* : <i>Rg Veda</i> , 1.1
2		Ritual e conhecimento	Olivelle, P. (1998). <i>Early Upanishads: Annotated text and translation</i> . Oxford university Press. Introdução. FP : <i>Īśa Upaniṣad</i>
3		Tempo, Espaço e Pessoa na Índia Antiga	Gonçalves, J. C. B. (2009). <i>Dizeres das antigüidades: A arquitetura discursiva da literatura sânscrita purânica exemplificada pelo mito da Grande Deusa</i> [Doutorado em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo]. Parte 2 FP : <i>Devī Māhātmya</i> , cap. 1
Fundamentos Conceituais			
4		Percipiente – a matriz do conhecimento	Eltschinger, V., & Ratié, I. (2023). <i>Qu'est-ce que la philosophie indienne?</i> Gallimard. Cap. 1 - Le soi . FP : <i>Sāṅkhya Kārikā</i> , 1-9
5		Perceptível – natureza conhecida e desconhecida das coisas	Moise, I., & Thite, G. U. (2021). <i>Vaiśeṣikasūtra—A translation</i> (1o ed). Routledge. Cap. 1. FP : <i>Vaiśeṣika Sūtra</i> , 1.1
6		Percepção – que se pode conhecer sobre o conhecimento?	Maas, P. (2016). Valid Knowledge and Belief in Classical Sāṅkhya Yoga. Em P. Balcerowicz, <i>Logic and Belief in Indian Philosophy</i> . Pieter Balcerowicz. FP : <i>Pātañjala Yoga Śāstra</i> , 1.1-12
7		Linguagem verbal e cognição	Torella, R. (2008). From an Adversary to the Main Ally—The Place of Bhartṛhari in the Kashmirian Śaiva Advaita. Em A. Aklujkar & M. Kaul, <i>Linguistic Traditions of Kashmir: Essays in Memory of Pandit Dinanath Yaksh</i> (p. 508–524). DK Printword. FP : <i>Vākya Pādīya</i> , passagens seletas
8		Dualismo e não-dualismo	Dyczkowski, M. (2023). <i>A Doutrina da Vibração: Uma análise das doutrinas e das práticas do Śivaísmo da Caxemira</i> (J. C. B. Gonçalves, Trad.). Edição do Autor. Cap. 1. FP : <i>Pratyabhijñā Hṛdaya</i>
9		Encerramento (tema aberto)	

* Fontes Primárias. A seguir, na “Síntese das Aulas”, elabora-se um roteiro que apresenta o papel de cada fonte primária na exposição dos temas das respectivas aulas.

Síntese das aulas

1. História da língua sânscrita

Aborda-se aqui o panorama que vem desde cerca de XII a.E.C., data dos enunciados sânscritos mais antigos de que se tem notícia, *Veda*, até os dias de hoje, em que ainda mantém-se viva a cultura mediada pela língua sânscrita, com especial ênfase sobre o período no qual consolidam-se as principais escolas de pensamento, a saber, primeiro milênio da Era Comum. Com isso, situaremos alguns fatores sociais e culturais que nos ajudam a compreender o papel da literatura sânscrita no contexto da civilização que convencionamos chamar de indiana.

2. Ritual e conhecimento

Trata-se aqui de um binômio que manifesta a relação entre ideias de ordem mais abstrata, agir e saber. Presenciamos a discussão relativa à complementaridade do ritual e do conhecimento nas *Upaniṣads*, gênero de enunciados cujas obras mais antigas foram compostas em cerca de VII a.E.C. Na literatura posterior, presenciamos tal discussão sob variadas formas, tais como a superioridade do conhecimento sobre a ação, a compreensão de que esse binômio constitui meios distintos concebidos para tipologias individuais distintas, entre outros. Esse percurso contribui, entre outras coisas, para a construção de uma perspectiva da relação entre o que chamamos de religião e de filosofia no contexto das práticas culturais da Índia Antiga.

3. Tempo, Espaço e Pessoa na Índia Antiga

Referimos aqui a três categorias que definem, ainda que de forma genérica, o que é pertencer à cultura indiana antiga, especificamente aquela que dará forma a boa parte das práticas rituais e sociais do hinduísmo, conforme o conhecemos na atualidade. O gênero de literatura conhecido como *Purāṇa* (c. III a.E.C. até XIII E.C.) é uma literatura prolífica, no contexto religioso, caracterizada como um conjunto de antologias enciclopédicas que organiza saberes necessários aos brâmanes, enquanto lideranças religiosas locais, na sua formação, nos seus afazeres litúrgicos e no seu atendimento à comunidade. Sob tais referências, podemos compreender parte relevante do cenário cultural onde se dá o pensamento filosófico da Índia Antiga.

4. Percipiente – a matriz do conhecimento

A investigação sobre a natureza do “si” deu-se sob muitas formas, por muitos pensadores e em muitas escolas de pensamento. Algo relativamente comum a essas várias formas de investigação é a busca do “si” enquanto “matriz do conhecimento” – o substrato a partir de onde ou a tela onde se dão as cognições. Tais investigações deram-se por meio da prática discursiva, conceitual, e por meio da prática não discursiva, isto é, contemplativa. Parte-se com frequência da ideia de que os indivíduos possuem uma compreensão equivocada sobre o “si”, mais do que da ideia de que não possuem compreensão alguma sobre si. Assim, a questão que se coloca passa necessariamente pela aniquilação de ideias equivocadas até alcançar a correta compreensão da própria natureza. Na *Sāṃkhya Kārikā* (c. V E.C.), lemos uma excelente introdução a uma abordagem que nos mostra a relação entre a investigação por ela proposta e outras formas de saber de seu tempo.

5. Perceptível – natureza conhecida e desconhecida das coisas

Busca-se principalmente, com a compreensão da natureza das coisas manifestas, a unidade inerente à multiplicidade, a dissolução do senso de realidade ou o discernimento entre o si e a objetividade. O *Vaiśeṣikasūtra*, texto fundador da escola de pensamento conhecida como Vaiśeṣika (início da E.C.) representa uma entre inúmeras formas de investigação que construirá uma ontologia soteriológica, no sentido de que a descrição das realidades é um instrumento dentro de um projeto de conhecimento mais abrangente, a ser qualificado como libertador. A descoberta de uma unidade fundamental inerente à manifestação plural das coisas é, dessa forma, um estudo aplicado à compreensão da natureza do próprio experimentador das coisas.

6. Percepção – que se pode conhecer sobre o conhecimento?

A percepção completa a tríade “percipiente, perceptível e percepção”. Tal tríade é uma possível síntese dos objetos fundamentais das literatura filosófica da Índia Antiga. A percepção é compreendida como fenômeno, isto é, como experiência que individualiza a consciência em sua relação com a objetividade. E é também estudada sob um ponto de vista estratégico, que pretende descrever suas formas de atuação, a saber, “os meios válidos de conhecimento” (*pramāṇa*). Tais meios consistem fundamentalmente de percepção direta, inferência e transmissão fidedigna. Na célebre obra conhecida como *Yoga Sūtra*, de Patañjali, a cuja transmissão manuscrita com seu mais antigo comentário dá-se o nome *Pāṭanjaliyogaśāstra* (c. IV E.C.), testemunhamos uma valiosa expressão dos meios válidos de conhecimento. Pede-se, nesse contexto, que eles sejam suprimidos para que outra forma de saber seja proporcionada.

7. Linguagem verbal e cognição

A relação metalinguística dos pensadores indianos com a linguagem verbal vem de longa data e pode ser testemunhada já nas obras conhecidas como *Prātiśākhya* (c. IX a.E.C.), as quais fazem parte do “corpo dos *Vedas*” (*vedāṅga*), conjunto de literatura técnica cuja função é fundamentar a recitação ritual dos poemas que compõem

essas obras, entre outras coisas. A descrição gramatical da língua sânscrita é um esforço milenar que vem sendo acompanhado de profundas reflexões a respeito da linguagem verbal, nos seus processos de cognição, entendimento e significação. A obra *Vākyapadīya* (V E.C.) nos oferece excelente ponto de referência para a abordagem das ideias relativas à linguagem e sua abordagem nos sistemas filosóficos.

8. Dualismo e não-dualismo

Um universo rico de referências salta quando refletimos sobre a problemática filosófica da relação entre unidade e multiplicidade, em suas consequências ontológicas e éticas. Trata-se de uma das questões mais obsessivamente discutidas nos variados cenários das escolas de pensamento indianas. A natureza una da consciência, ou a natureza una das coisas, são assumpções que levam a discussões relativas à essência e à manifestação. Há vários tipos de dualismos e de não dualismos. A obra *Pratyabhijñāhṛdaya* (X E.C.) nos traz um tipo de não dualismo radical que permitirá abordar as discussões mais abrangentes sobre esse tópico.

9. Encerramento (tema aberto)

Aula dedicada a estudo de obra ainda a ser definida, de acordo com o desenvolvimento das discussões e reflexões ao longo do andamento das aulas anteriores.